

1 7 5 1 6 3
ISBN 978-85-418-1335-8
9 788541 813358



Dois poetas de países distintos, duas visões de um problema comum: o tráfico de escravos. Do alemão Heinrich Heine, você verá o humor negro a aproximar tubarões e traficantes; do brasileiro Castro Alves, o apelo humanitário que ressoa nas alturas. Ironia e lirismo mobilizados contra horrores que ainda nos assombram.



Navios negreiros

Castro Alves | Heinrich Heine



Navios negreiros

Castro Alves | Heinrich Heine

organização **Priscila Figueiredo**
ilustrações **Maurício Negro**



Navios negreiros

Castro Alves | Heinrich Heine

organização Priscila Figueiredo
tradução Priscila Figueiredo e Luiz Repa
ilustrações Mauricio Negro



© ORGANIZAÇÃO Priscila Figueiredo, 2008

© TRADUÇÃO DE "DAS SKLAVENTSCHIFF" Luiz Repa e Priscila Figueiredo, 2008

© ILUSTRAÇÕES Mauricio Negro

GERÊNCIA EDITORIAL Adilson Miguel

EDIÇÃO EXECUTIVA Graziela R. S. Costa Pinto

COORDENAÇÃO EDITORIAL Fabio Weintraub

PESQUISA ICONOGRÁFICA Priscila Ferraz

REVISÃO Penélope Brito e Carla Mello Moreira

EDIÇÃO DE ARTE Leonardo Carvalho e Natalia Zapella

PRODUÇÃO INDUSTRIAL Alexander Maeda

IMPRESSÃO Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Alves, Castro, 1847-1871.

Navios negreiros / Castro Alves, Heinrich Heine; organização Priscila Figueiredo; tradução Priscila Figueiredo e Luiz Repa; ilustrações Mauricio Negro. — 2. ed. — São Paulo: Edições SM, 2016.

ISBN: 978-85-418-1335-8

Bibliografia.

1. Poesia alemã 2. Poesia brasileira I. Heine, Heinrich, 1797-1856.

II. Figueiredo, Priscila. III. Negro, Mauricio. IV. Título.

CDD-831

16-01036

-869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura alemã 831

2. Poesia : Literatura brasileira 869.1

Gráfica conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição abril de 2009

2ª edição 2016

2ª impressão 2016

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

Sumário

Entre a ironia e o lirismo: 6
o tráfico de escravos na poesia
de Heine e Castro Alves

O navio negreiro 13
Heinrich Heine

O navio negreiro:
tragédia no mar 31
Castro Alves

Da alforria à cidadania:
um longo percurso 51

Referências bibliográficas 75

Sobre os autores 76

Sobre a organizadora e tradutora

Sobre o cotradutor

Sobre o ilustrador 79

Entre a ironia e o lirismo: o tráfico de escravos na poesia de Heine e Castro Alves

Mares cortados por naves onde braços se empilham; gente arrancada à terra natal, submetida às maiores violências, transformada em mercadoria; um negócio do qual a morte faz parte; música e açoite: dança macabra. Eis algumas das imagens com que você vai se defrontar nas próximas páginas, ao mergulhar em dois poemas com título idêntico (“O navio negreiro”) sobre o tráfico de escravos, um escrito pelo alemão Heinrich Heine (1797-1856), outro pelo brasileiro Castro Alves (1847-1871).

Publicados aqui pela primeira vez em conjunto, tais poemas, apesar da identidade temática, têm caráter muito diverso. Pertencem a autores bastante diferentes entre si quanto à personalidade poética, à tradição da literatura a que pertencem, ao contexto histórico, à experiência de vida.

Castro Alves certamente já havia lido, em tradução francesa para a *Revue des Deux Mondes* (*Revista dos Dois Mundos*), o poema de Heine, de 1854, mas dele se afastaria em muitos pontos quando fosse abordar o mesmo assunto 14 anos depois. Talvez apenas o motivo da dança de escravos, instigada não somente pela música, mas também pelo chicote, tenha restado dessa

primeira leitura, embora tal cena fosse inteiramente factível no ambiente histórico do tráfico de escravos, que Castro Alves conheceu. De qualquer modo, se o poeta baiano aproveitou de Heine o motivo da dança, não lhe aproveitou, porém, o terrível arremate: a prece do negociante holandês pedindo a Deus que conservasse, em nome do lucro, ao menos a metade dos negros, que morriam em progressão assustadora.

Assim, foi inteiramente dentro do seu estilo que Castro Alves absorveu a influência de Heine, se é que de fato a absorveu. É verdade que, ao longo de toda a sua obra, muitas epígrafes foram tiradas do autor do *Buch der Lieder* (*Livro das canções*), com quem o poeta baiano se declarava irmanado na “guerra de libertação da humanidade”. Mas, se de fato havia simpatia profunda do nosso jovem e entusiasmado escritor com um Heine já muito vivido, cético, duplamente exilado (como judeu e como alemão emigrado na França, país onde se instalou a partir de 1831), admirador dos socialistas e da doutrina comunista de Marx e Engels, é certo que não havia afinidades maiores. O mestre de Castro Alves na técnica poética terá sido antes o francês Victor Hugo (1802-1885), poeta das antíteses, dos contrastes monumentais, da fé republicana, manifesta em tom grandioso, para ser ouvida em praça aberta.

Heine era um poeta de outra natureza. Assistiu com grande expectativa a momentos que pareciam

indicar um novo passo em direção à igualdade política e social. Frequentemente, contudo, ante o desmentido dos fatos, tal fervor se transformou em ferocidade, em uma grande energia de ironia e sarcasmo, que revolverá por dentro sua escrita, distanciando-a muito do padrão da poesia de sua época.

Se logo ele se mostrou um extraordinário lírico, sendo considerado em pouco tempo o maior poeta alemão depois de Goethe, sua literatura após 1830 não cessou de apontar as novas tendências a que parecia inclinada sua personalidade artística, afetada por mudanças no mundo exterior. Uma dessas tendências é decerto a de romancista. Embora fosse um prosador extraordinário, Heine jamais escreveu um romance. Desde logo aprendeu, porém, num espírito bastante moderno e afim a esse gênero, a suspeitar de excessos retóricos e literários e a perceber como o aproveitamento de uma matéria supostamente indigna da poesia ou difícil de ser por ela formalizada (a relação entre artistas, mercado e nobreza, por exemplo) poderia ter rendimento poético. Assim, se trouxe para sua obra temas que estavam entrando na pauta obrigatória do romance realista burguês do século XIX, foi em grande parte na poesia que exercitou sua índole de romancista. Em “O navio negreiro” isso é evidente.

Como um narrador em terceira pessoa, impassível diante de seus personagens, Heine dá aos traficantes de africanos toda a corda para se enforcarem.

Deixa-os falar, falar, pensar, propor, imaginar, sonhar, sem interrompê-los, como se estivesse invisível, com o que também podemos ver até onde vai a ganância dessas figuras, a qual parece não ter limites. Não tendo limites, a imaginação diante dela não precisa forçar muito a nota – o horror desliza inteiro da realidade para a poesia e mostra seu vínculo com a imaginação mais fértil justamente, como se tivesse sido criado por ela. Basta clareza de exposição e pequenas ênfases – o que Heine faz com primor, seja por meio das rimas, da paródia, do traço grotesco ou de breves, mas rigorosos, desdobramentos da lógica mercantil em jogo. Bastou isso para que seus leitores compreendessem que aquilo que era deveras real parecia produto do romantismo mais demoníaco.

O temperamento de Castro Alves é muito diverso. A ironia, a sátira, a exposição desimpedida do maquinismo próprio da vida social sob o capitalismo..., nada disso o caracteriza. Ele é antes de tudo lírico, mas de um lirismo com frequência mais retumbante do que singelo, mais percussivo do que melodioso, como já escreveu Mário de Andrade a seu respeito. E essa percussividade deriva muitas vezes do caráter oratório de seu verso, feito para ser declamado (e que, por isso, deve conter, como uma peça teatral, elementos que indiquem sua dinâmica e propiciem a desenvoltura, emocional inclusive, do declamador/ator). A *performance* no caso necessita de certos